

UM ARTIGO TOP DE LINHA: ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DE FORMAÇÕES COM *TOP* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Carlos Alexandre Gonçalves¹

Karen Corrêa²

RESUMO: Este artigo tem como principal meta propor uma análise construcional de locuções substantivas com o núcleo lexical preenchido pela base inglesa ‘top’ [ˈtɒ.pɪ], a exemplo de ‘top de linha’, ‘top das cervejas’ e ‘top das galáxias’. Para tanto, o estudo se orienta na abordagem construcionista para a morfologia, de Booij (2010, 2015). Os dados que compõem o *corpus* provêm de busca eletrônica nas seguintes fontes: *Google Books*, *Dicionário Informal* e *Twitter*. Revisitaremos, na análise, noções como esquematicidade, produtividade e composicionalidade, a fim de mostrar que ‘top de SN’ constitui, nos dias de hoje, construção semiaberta, pelo menos na variedade brasileira do português.

Palavras-chave: Morfologia construcional. Esquematicidade. Produtividade.

A TOP PAPER: A CONSTRUCTIONAL APPROACH TO FORMATIONS WITH TOP IN CONTEMPORARY BRAZILIAN PORTUGUESE

ABSTRACT: The main goal of this paper is to propose a constructional analysis of expressions with the lexical core filled by the English base ‘top’ [ˈtɒ.pɪ], as in ‘top de linha’ (“top of the line”), ‘top das cervejas’ (“the best beer”) and ‘top das galáxias’ (“very very top”). To this end, the study is guided by Booij’s (2010, 2015) constructionist approach to morphology. The data that make up the corpus come from electronic searches in the following sources: *Google Books*, *Informal Dictionary*, and *Twitter*. In this way, we will revisit notions such as schematicity, productivity and compositionality in order to show that ‘top de SN’ constitutes, nowadays, a semi-open construction, at least in the Brazilian variety of Portuguese.

Keywords: Construction Morphology. Schematicity. Productivity.

Palavras iniciais

Deparamo-nos, principalmente na *internet*, com expressões linguísticas que acabam se comportando, por sua esquematicidade e produtividade, como verdadeiros casos de

¹Professor Titular da Faculdade de Letras da UFRJ e pesquisador-bolsista do CNPq, nível 1-C. E-mail: carlexandre@bol.com.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3672-3852>.

²Mestranda em Letras Vernáculas pelo PPGLEV-UFRJ. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1078-2099>.

composição em português ou, pelo menos, como típicas construções semiabertas. Neste artigo, abordamos as locuções substantivas do tipo ‘*top* de SN’, a exemplo de ‘*top* de linha’, a mais antiga forma com a base inglesa ‘*top*’ de que temos notícia. Procuramos mostrar que formações como ‘*top* das galáxias’ emergem como uma espécie de *blend* construcional, uma vez que resultam de uma fusão entre a construção semiaberta ‘*top* de SN’ e a construção atômica ‘*pica* das galáxias’, a primeira fazendo referência a algo considerado como de primeira qualidade e a segunda, ainda mais intensiva, qualificando algo ou alguém como excepcional, fora de série.

Os dados analisados são do meio digital, o que envolveu pesquisas no *Google Books* e tuítes, todos encontrados por meio das ferramentas de pesquisa dos respectivos *sites*. Desse modo, mostramos alguns *tweets*, a fim de exemplificar e corroborar o que está sendo proposto no artigo. A abordagem é majoritariamente qualitativa, pois temos o intuito de descrever e interpretar os constructos, tanto do ponto de vista formal quanto semântico.

O artigo está estruturado da seguinte forma: na primeira seção, é dado destaque ao conceito de expressão idiomática e a seu tratamento pela Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995); na segunda, o foco recai sobre as formações escolhidas, a fim de verificarmos as suas possíveis origens. Na sequência, será feita uma breve análise pela morfologia construcional para, por fim, discutirmos o estatuto das construções com o núcleo lexical ‘*top*’ de acordo com três propriedades: esquematicidade, produtividade e composicionalidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

1. Construção gramatical e expressão idiomática

Começamos pontuando o conceito de construção e como a Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU)³ aborda os idiomatismos e contrasta essas estruturas com

³Convém frisar que não há correspondência exata entre a LFCU (Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e a Linguística Funcional-Cognitiva (LFC), conforme apresentada em Traugott e Trousdale (2013), Hofmann e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), por exemplo. A LFCU é um rótulo criado pelo grupo de estudos Discurso e Gramática (UFRJ, UFRN, UFF), constituindo-se em um modelo teórico-metodológico relativamente alinhado a pressupostos e conceitos operacionais da LFC e das abordagens dos pesquisadores citados na nota, todos assumindo enquadrar seus trabalhos no que se conhece como *Usage-based Linguistics*. Entretanto, não há confluência absoluta entre eles, daí a necessidade de resguardar especificidades.

outras de natureza semelhante. Segundo Goldberg (1995), as construções gramaticais são as unidades básicas das línguas e são organizadas em uma rede. Dessa forma, todos os níveis da gramática envolvem construções. Na morfologia, por exemplo, pareamento de forma e função é encontrado em derivados ('tuit-eiro', 'blogu-eiro'), compostos ('Maria gasolina', 'Maria magistério'), palavras monomorfêmicas ('cajá') ou flexionadas ('caju-s', 'prim-a').

Outra definição para construções é encontrada em Langacker (1987): construções são unidades simbólicas convencionais: são convencionalizadas no momento em que passam a ser compartilhadas entre pessoas de uma comunidade linguística e são simbólicas por serem signos, o que nos faz lembrar a noção de motivação/iconicidade, uma vez que signos são tidos como formas relativamente arbitrárias na relação entre forma e significado; por fim, são unidades porque a frequência de uso influencia na cristalização e conseqüente fixação de um padrão na língua.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), construções devem ser analisadas a partir de sua constituição e isso envolve tamanho, configuração sonora e conteúdo codificado. Podem ser atômicas, ou seja, não segmentáveis (monomorfêmicas), como 'mar' e 'anzol', ou complexas, constituídas por unidades menores e analisáveis, a exemplo de 'tuit-eiro' e 'Maria X', em que a base X faz referência metonímica à ambição/cobiça da mulher ('Maria') por seu pretendente. Além disso, podem ser intermediárias, com possibilidade parcial de analisabilidade, como em 'burs-ite', em que a noção de doença ou infecção se manifesta, mas a base é opaca. De acordo com Casseb-Galvão (2020, p. 55),

A especificidade fonológica determina construções substantivas (plenamente satisfeita quanto às condições de seleção); esquemáticas (um padrão abstrato constituído pela abertura de *slots* a serem preenchidos); intermediárias (parcialmente satisfeitas quanto às condições de seleção). Quanto ao conteúdo, as construções podem ser de conteúdo, procedurais (gramaticais) ou intermediárias.

Existe uma hierarquia construcional (BOOIJ, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e sua distribuição entre **esquemas** (altamente virtuais e abstratos, no nível mais alto do *constructicon*), **sub-esquemas** (famílias mais específicas de construções, em nível intermediário, com subespecificações – partes fixas e variáveis) e **microconstruções** (*types*

específicos e individuais). A nomenclatura varia muito de um autor para outro, mas a ideia é de gradiência: do mais esquemático ao mais específico.

Nesse tipo de abordagem, não há distinção entre léxico e gramática, pois tanto as palavras quanto as regras são tratadas como itens em um “léxico estendido” ou “*constructicon*”: o léxico produz todas as estruturas (JACKENDOFF; AUDRING, 2018). Assim, as construções mais centrais (a “*core Grammar*”) e as mais periféricas recebem o mesmo tratamento, vinculando-se por relações de herança de natureza vária (GOLDBERG, 2006).

Neste artigo, abordamos os idiomatismos como “uma expressão ou estrutura frasal particular de uma língua, cujo significado não corresponde à soma do significado de suas partes componentes” (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2019, p.6). Há uma grande variação terminológica envolvendo essas unidades e, por isso, usamos indiscriminadamente uma ou outra: construção idiomática, locução idiomática, estrutura idiomática, expressão não composicional etc. A partir dessa definição, muitas locuções são abarcadas – ‘tirar leite de pedra’, ‘Maria vai com as outras’, ‘botar as barbas de molho’, ‘chutar o pau da barraca’, ‘meter a mão na massa’ e ‘tirar o pai da força’, entre tantas outras. Vale ressaltar que essas construções podem ser parcialmente preenchidas ou totalmente especificadas. Neste artigo, a discussão será centrada nas formações com ‘*top*’, como mencionamos na seção *Palavras Iniciais*.

2. Da origem e dos significados

A fim de determinar as características das construções coletadas, é necessário ressaltar que tratamos a palavra ‘*top*’ como unidade lexical, isto é, item mínimo comum a outras palavras da mesma família e que não pode ser reduzido sem prejuízo da significação. No *Dicionário Houaiss*, ‘*top*’ aparece como um regionalismo brasileiro, um adjetivo que funciona como atributo positivo, como em (1); como terminologia da física, remetendo ao termo técnico ‘*quark*’, como em (2); por fim, também remete a um item do vestuário feminino, significado algo como “bustiê” (3).

(1) Achei o seu cabelo extremamente *top*.

(2) Os **quarks** são, até o ponto em que sabemos, as partículas mais fundamentais que formam o núcleo atômico. São também chamados de *tops*.

(3) Fulana chegou ontem com um **top** muito curto.

Esse estrangeirismo⁴ é incorporado à língua tomadora, o português, com uma pequena mudança fonológica relacionada à vogal epentética [ɪ], sempre requerida para satisfazer condições de boa-formação silábica: a oclusiva /t/ não pode ser coda de sílaba em nossa língua e o [ɪ], constituindo novo núcleo, licencia a consoante para a posição de *onset*, criando um dissílabo paroxítono: [ˈtɔ.pi]. Por outro lado, o item lexical é incorporado, na escrita, sem qualquer mudança de ordem ortográfica, preservando a grafia original inglesa. Apesar de o português apresentar a palavra ‘topo’, isso não impediu a importação de ‘*top*’, que entra na língua com diferentes significados e funções. Neste trabalho, concentramo-nos apenas no primeiro emprego de ‘*top*’: como reforço na marcação da intensidade: ‘brinquedo *supertop*’, ‘livro muito *top*’, ‘carro *top* demais’. Nessa acepção, como demonstrado em Motta (2020), ‘*top*’ é a base de vários processos morfológicos:

(4) Sufixação: topíssimo, topérrimo, topázio

(5) Prefixação: *supertop*, *megatop*

(6) Cruzamento vocabular: *topster*, *marivitop*

(7) Antroponímia: *topnelson*, *topper*, *toperson*

(8) Formação com estatuto de composto: *topzera*, *mionzera*, *sonzera*

O significado mais recorrente no uso de ‘*top*’, como também o de ‘topo’, provém de uma metáfora do tipo orientacional para expressar, categoricamente, algo de valor positivo para os interlocutores (salvo situações em que há ironia). Segundo Lakoff e Johnson (1991, p.

⁴Adotamos, aqui, o conceito de estrangeirismo encontrado em Valladares (2014, p. 111): “palavras, efetivamente, oriundas de outro sistema linguístico, tomadas por empréstimo para suprir alguma necessidade conceitual, de ordem tecnológica, ou para a expressão de elementos socioculturais, referentes às trocas de ordem linguístico-cultural entre comunidades falantes de idiomas diversos.”, pois se baseia no compartilhamento de conhecimento científico e sociocultural.

59), metáforas conceituais são aquelas que “organizam todo um sistema de conceitos em relação ao outro” e as orientacionais envolvem “localização espacial como referência para produzir o conceito”. Dentre essas metáforas conceituais, ‘*top*’ tem uma base física: “(...) Uma vez que o chão é percebido como fixo, o topo do objeto parece se mover para cima no campo de visão da pessoa” (LAKOFF; JOHNSON, 1991, p. 63), gerando um processo de mesmo domínio com sistematicidade: STATUS SUPERIOR É PARA CIMA.

Assim, fica expresso o processo metafórico ao relacionar ‘*top*’ como, por exemplo, o cume de uma montanha ou como relação dos 10 melhores, os considerados *top*. Essa relação é muito transparente para os sujeitos falantes e faz com que o novo adjetivo seja muito usado, contribuindo, conseqüentemente, para uma grande gama de formações com a finalidade de intensificar propriedades.

Em um trabalho recente, encontramos a possível origem da entrada de ‘*top*’ no léxico do português brasileiro⁵:

Provavelmente, “*top*” veio com a expressão “*top de linha*”, anteriormente, do mundo automobilístico, sendo empregada majoritariamente, hoje, no mundo da informática, principalmente na área de celulares, e com a expressão “*top model*” para se referir a modelos que desfilam nas passarelas (MOTTA, 2020, p. 8).

Pelo depoimento de Motta (2020), notamos que ‘*top de linha*’ e ‘*top model*’ são as construções acima da palavra mais antigas na língua, embora esse “antigo” remeta, provavelmente, às últimas décadas do século XX. A primeira circula na língua, no mínimo, desde a década de 1980, como podemos atestar no seguinte trecho da revista *Indústria & Desenvolvimento*, de 10 de março de 1983:

Embora a Honda faça mistério, possível imaginar que os dois lançamentos se situam em extremos opostos do mercado: um modelo maior que a CB 400, já que estrategicamente é intenção da empresa manter o “*top de linha*”.

⁵ Até onde pudemos perceber, pelas buscas, o uso de *top* não é comum em Portugal.

No trecho acima, vemos que fica subentendida a referência a uma motocicleta quando a revista destaca que a montadora irá manter esse veículo automotor, a CB 400, como seu modelo de última geração. Como se pode observar, a expressão foi primeiramente usada no setor automobilístico, referindo-se ao modelo número 1, seja carro ou moto, o mais completo/eficiente/luxuoso/potente numa linha de produção. Por extensão metonímica, ‘*top de linha*’ passa a ser utilizada em domínios similares, como os aparelhos eletrodomésticos e, mais recentemente, os telefones celulares.

Além de “libertar” a base ‘*top*’, dando a ela estatuto de palavra, como no exemplo (1), mais acima, a expressão ‘*top de linha*’ responde por um sem-número de formações na língua, sempre indicando entidades que ocupam postos mais altos numa hierarquia de valor, qualidade e *status*, reforçando a metáfora conceptual STATUS SUPERIOR É PARA CIMA. De fato, ser ‘*top*’ é estar no topo, no cume, num lugar mais alto que os demais:

- (9) Top de novelas
- Top de revistas
- Top de livros
- Top de viagens
- Top de cervejas

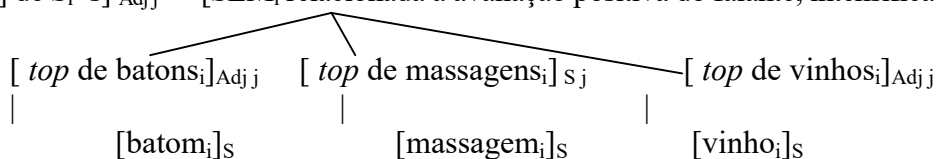
A partir das noções de construção gramatical e relações de herança (BOOIJ, 2010; BOOIJ, 2015), podemos propor dois esquemas para as formações em análise (cf. 10 e 12). No primeiro, que responde pelas formações em (9), o nó mais alto e mais especificado representa a construção atômica, ‘*top de linha*’, provavelmente um decalque⁶ do inglês (‘*top on the hit*’) com a preservação original do núcleo. Na camada mais intermediária, somente aparece o núcleo ‘*top*’ e um *slot* vazio ocupa a posição do S Prep ‘de N’, que substitui ‘de linha’. Desse modo, o nome à direita deixa de ser especificado e, por neoanálise, uma nova construção é criada.

⁶Um decalque, ou empréstimo semântico, segundo Sandmann (1992, p.73), “se caracteriza por haver tradução ou substituição de morfemas, em outras palavras; empresta-se uma ideia, um significado sem os significantes e pode acontecer com ou sem alteração da estrutura: de *spaceship* para espaçonave não há alteração de estrutura (...). “Exemplos em que não há alteração da estrutura: agente-laranja (agent-orange), alta-costura (haute-couture), alta fidelidade (high fidelity)”.

Na formalização utilizada a seguir, baseada em Booij (2010), SEM é interpretado como o *frame* evocado pela palavra-fonte. Os símbolos menor que e maior que (respectivamente, <, >) demarcam o esquema e a seta de mão dupla (↔) relaciona forma e significado no interior do esquema. Os subscritos i e j sinalizam que base e produto constam do léxico:

(10) [*top* [de linha]] ↔ [o melhor item de uma categoria]_{Adj}

<[*top* de S_i-s]_{Adjj} ↔ [SEM_i relacionada à avaliação positiva do falante; intensificação]_{Adjj}>



Na neanálise, mostram Traugott e Trousdale (2013), são instanciados novos usos linguísticos que, por sucessivos passos de mudança, levam à construcionalização, constituindo-se em novos pareamentos forma ↔ função. No esquema em (10), a marca de número, -s, é também parte fixa da nova construção, pois o substantivo à direita é sempre utilizado no plural, vindo daí a especificação [*top*] de S_i-s].

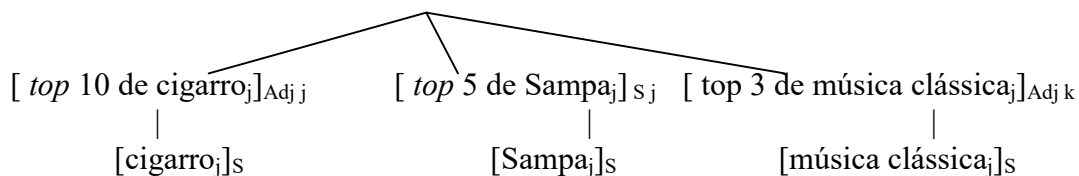
Uma combinação interessante e recorrente de ‘*top*’ é com um numeral, indicando a relação dos X melhores de sua categoria:

- (11) Top 10 da minha vida (música de Lucas Lucco)
 Top 5 do Rio (os cinco melhores pontos turísticos do Rio)
 Top 3 do Instagram (os três melhores posts do Instagram)

Como se vê, os dados em (11) evidenciam comportamento um pouco distinto e são instanciados por uma nova construção criada por analogização, aqui compreendida como “um tipo específico de neanálise, por envolver dimensões internas da construção, via produtividade do esquema ou de parte dele” (OLIVEIRA; SAMBRANA, 2020, p. 33). No esquema abaixo, podemos visualizar o mecanismo utilizado. Observe-se que o nome regido pela preposição ‘de’ está no singular e NUM abrevia um numeral, uma vez que o objetivo, aqui, é estabelecer um *ranking* de um número pré-determinado de melhores.

(13) [*top* [de linha]] ↔ [o melhor item de uma categoria]_{Adj}

<[[*top*] NUM_i de S_j]_{Adj k} ↔ [SEM_j relacionada à colocação (NUM_i) de S numa escala de valor]>



3. Mesclagem construcional

Passamos, a seguir, a sugerir mais uma proposta, também baseada em um processo regular e produtivo de mudança linguística, muito pouco explorado pelos linguistas de orientação funcionalista ou cognitivista: a mesclagem construcional. Esse conceito obviamente tem suas raízes no trabalho de Mandelblit (1996) e, principalmente, no de Fauconnier e Turner (2002), a mesclagem conceptual. No clássico *The Way We Think*, Fauconnier e Turner (2002) se concentram nos aspectos criativos da mente humana, descrevendo, em seu modelo, os mecanismos cognitivos efetuados na busca da construção de sentidos. Propõem que a formulação de redes de integração conceptual, ou *blending* (mesclagem), constitui a base do processo de significação, uma vez que “é o coração da imaginação; conecta espaços de entrada, projeta-os seletivamente no espaço mescla, e desenvolve estruturas emergentes por meio de composição, complementação e elaboração” (FAUCCONNIER; TURNER, 2002, p. 89).

Para Fauconnier e Turner (2002), a construção de sentido é um processo complexo que ocorre entre pelo menos dois domínios, tanto no pensamento quanto na linguagem. No caso da mesclagem construcional, admite-se uma dupla origem de determinada construção. Dito de outra maneira, por haver muitas semelhanças entre dois esquemas de significado subjacentes a duas construções, essas acabam por se fundir em um só esquema construcional, gramaticalizando-se. De acordo com Torrent (2008, p. 4),

[...] o processo de mesclagem das estruturas formais se dá de forma semelhante ao que ocorre com a mesclagem conceptual, ou seja, nos espaços-fonte encontra-se a estrutura dos dois elementos a serem integrados e, no espaço-mescla, surge o resultado dessa integração conceptual. Por ser

produto de uma integração dos espaços-fonte, o espaço-mescla possui elementos de ambos combinados de forma diferente, o que o distingue dos outros espaços da rede. Essa mesma combinação dos diferentes elementos faz surgir na mescla um esquema de significado que Fauconnier e Turner (2002) chamam de estrutura emergente, a qual não se encontra em nenhum dos espaços-fonte.

Analisemos, em primeiro lugar, o caso de ‘*top da Silva*’. De acordo com o filólogo brasileiro João Ribeiro (Frases Feitas, 2009, p. 177), uma possível origem para a construção [X da Silva] vem de expressões recentes encontradas na língua, como ‘*doidinho da Silva*’, ‘*mortinho da Silva*’ e ‘*vivinho da Silva*’, entre tantas outras. Ainda de acordo com o autor, a última expressão é originária do português europeu e presume uma locução que advém do jargão das vareiras ou varinas (ovarinas), que vendiam sardinha, dizendo: “*Vivinha da costa! ainda viva!*”. Por meio da analogização, entendeu-se que *costa* também é sobrenome de pessoa, acarretando no surgimento de uma nova forma de expressão: ‘*vivinha da Costa e Silva*’. Com a queda do *Costa*, a construção final é a que temos contato até os dias de hoje, desde o século XIX, como atestado em algumas obras portuguesas (*Rafael Bordalo Pinheiro, O António, 1887; O Pimpão, 1892-93*).

Há, na literatura, muitas hipóteses sobre o uso de ‘*Silva*’ nas expressões ora analisadas. O que importa, numa perspectiva sincrônica, é que há, no Brasil, muitas pessoas com o sobrenome *Silva* e essa forma linguística, no sintagma nominal ‘*da Silva*’, combinada com um nome (substantivo ou adjetivo) no diminutivo, passou a funcionar como a parte fixa da seguinte construção gramatical que, assim como [*top de SN*], expressa intensificação:

(14) <[N_i-inho da Silva] ↔ extremamente N_i>

Nos dias de hoje, no PB, verificam-se novos *tokens* com o uso combinado de ‘*top*’ com ‘*da Silva*’ para valorizar um sobrenome. Alguns desses empregos podem ser vistos nos seguintes tuítes⁷:

⁷Primeiros tuítes abertos com os primeiros usos de *top da Silva*. Disponível em: https://twitter.com/search?q=%22top%20da%20Silva%22%20lang%3Apt&src=typed_query&f=live, acessado em 29 de ago. de 2021, às 14h43.

Dec 12, 2011

@WWWW Mais uma para a famia, hahah, seja bem vinda, família **top da silva** ao seu dispor,
-ñ

Sep 13, 2011

alexandre nego **top da silva**

KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK

Sep 7, 2011

@WWWW Top é o seu sobre nome: Bruno **TOP da Silva!** Kk

Aug 12, 2011

@WWWW quem pensa que você é? Hein ,tu tá falando com a Nicole Ferreira Gabriel **top da silva** , OK? então fique quieto , beijos KK

Além desses usos, o mais frequente é de ‘top da Silva’ (a) servindo como um intensificador, (b) entrando no rol das formações [*top* de SN] e (c) veiculando, com isso, uma espécie de intensificação da intensificação. A título de exemplificação, observem-se os tuítes a seguir, nos quais ‘*top da Silva*’ constitui uma avaliação muito positiva do escrevente em relação aos calouros e à festa, respectivamente:

@WWWW

Novo Campus da UFSC de Joinville tá ficando 10/10. Só espero que meus calouros sejam top da silva tbm.⁸

11:30 AM · 6 de fev de 2018 · Twitter for Android

⁸Tuíte mostra a intensificação presente em top da Silva. Disponível em:
<https://twitter.com/KatrynAlice/status/960868338355359744>, acessado em 21/05/2021, às 14h29.

vocês tem, 19 dias para me comprarem presentes e organizarem uma festa surpresa top da Silva para mim, valendo.⁹

9:43 AM · 4 de jun de 2019 em São Paulo, Brasil · Twitter for Android

Entendendo o fenômeno de mesclagem construcional como “uma operação mental de natureza analógica, por meio da qual dois esquemas construcionais são mesclados, de modo a produzirem um padrão com marcas morfossintáticas dos protótipos mesclados” (NASCIMENTO *et al*, 2020, p. 149), propomos a seguinte formalização para o fenômeno:

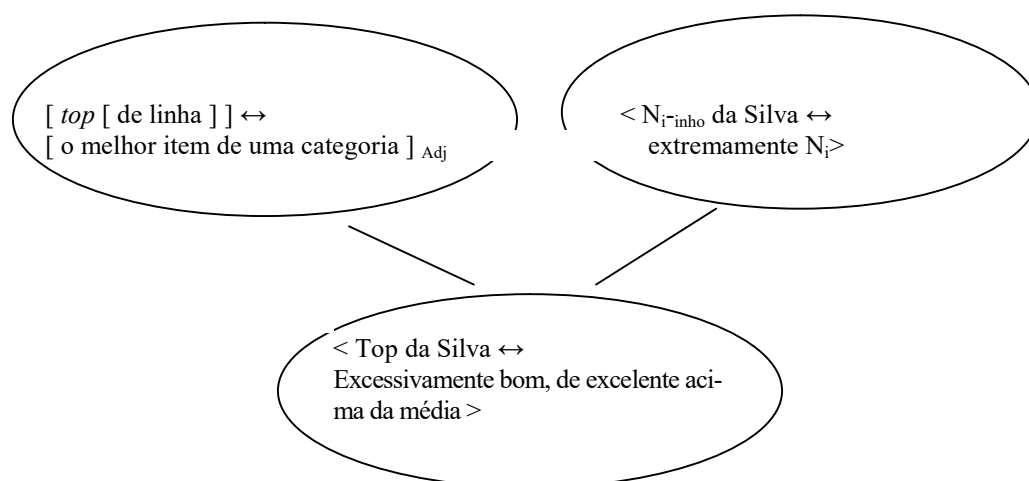


Figura 1: Mesclagem construcional: [*top de linha*] com [*X-inho da Silva*]

A respeito da intensificação, encontramos outra formação que demonstra comportamento pragmático e morfológico parecido com ‘*top de linha*’: ‘*pica das galáxias*’. Esse idiomatismo é assim definido pelo *Dicionário Informal*:

⁹Tuíte mostra a intensificação presente em *top da Silva*. Disponível em: <https://twitter.com/Guiuz4um/status/1135889856238903296>, acessado em 21/05/2021, às 14h32.

Pica das galáxias
15 Definições encontradas.

Definições Sinônimos Antônimos Relacionadas Exemplos Flexões Rimas Reversa

1. Pica das galáxias
Significado de **Pica das galáxias** Por [sergio soares kelly \(RJ\)](#) em 04-06-2010

O mais alto na hierarquia, o que domina mais um assunto

*Ex : doutor em matemática, é o **pica das galáxias** em matemática.*

151 84

— Sinônimos de **Pica das galáxias**
foda irado sinistro convencido prepotente fodão poderoso o cara pica grossa excelente muito bom perfeito metido melhor bão putão zika [mais...](#)

2. Pica das galáxias
Significado de **Pica das galáxias** Por [fabiopicolo \(PR\)](#) em 01-11-2017

Quando uma pessoa domina o assunto da sua área, pode ser denominado como '**Pica das Galáxias**'. Significa ser muito bom em alguma coisa.

*Alexandre entende tudo de T.I., ele é o **Pica das Galáxias**!*

47 3

3. Pica das galáxias
Significado de **Pica das galáxias** Por [Denis \(SP\)](#) em 08-04-2018

Depende do contexto: pode se referir a um cara realmente foda, mas também a um cara que se acha foda.

"...Aí o pica das galaxias assumiu o serviço e não deu conta de porra nenhuma".

Figura 2. Definição de ‘Pica das galáxias no Dicionário Informal

A expressão ‘pica das galáxias’ está sendo amplamente usada no português brasileiro para expressar alguém que tem conhecimentos acima da média, sendo considerado o melhor em sua profissão, como demonstram os exemplos do Dicionário Informal. Além disso, também funciona como um qualificador-quantificador, uma vez que pode ser usada como uma espécie de sinônimo de ‘top de linha’:

- (15) livro pica das galáxias
Matéria pica das galáxias
Doce pica das galáxias

A produtividade dessa expressão é tão grande que o *Google* retorna mais de cem mil ocorrências quando da busca por essa locução substantiva. Sem dúvida alguma, a construção atômica [pica das galáxias] ganhou tanta popularidade nos dias de hoje que quase nem se percebe a palavra de baixo calão que se combina com ‘das galáxias’, o que mostra o estatuto não composicional da construção, sem nenhum *slot* vazio. Evidência disso é a nomeação de uma instituição religiosa: Igreja Evangélica Pica das Galáxias. Por outro lado, temos presenciado usos como o seguinte, em que ‘*top*’ se combina com ‘das galáxias’:

Mami vai fazer um strogonoff **top das galáxias** para miiiiiiiiiii¹⁰

Novamente aqui, temos uma mesclagem construcional, o que promove a criação de uma nova construção que, por sua vez, irá instanciar outros constructos:

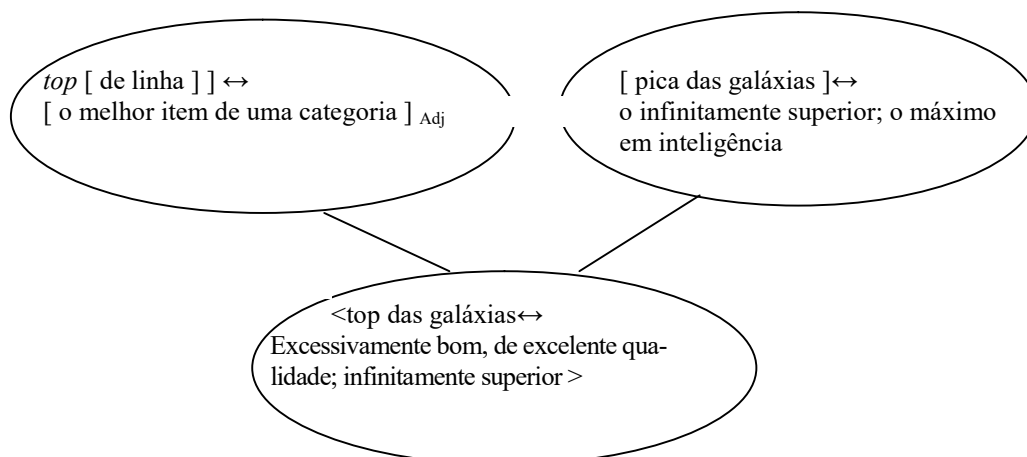


Figura 3. Mesclagem construcional: [*top* de linha] com [pica das galáxias]

Por fim, a fusão construcional acabou promovendo a criação de um *slot* vazio e criando a nova construção [N das galáxias], conforme se observa nos tuítes a seguir:

¹⁰Tuíte que mostra o uso do adjetivo top das galáxias. Disponível em: <https://twitter.com/lfrnd1/status/1423023391339057158>, acessado em 05/08/2021, às 23h.

bombom o maior e melhor chocolate rei das galáxias nossa ele consegue competir de gostoso junto com a minha namorada, chega o cérebro fica chapado de tanto prazer¹¹

5:52 PM · 13 de ago de 2021 · Twitter for Android

Aug 15. 2021

Replying to @WWWW

MAS ERA UMA ESCOLHA MUITO DIFÍCIL, NÉ? NÃO TINHA COMO SABER QUE UM DEFENSOR DA TORTURA IA SER UM MAL PRESIDENTE, ELI!!!
NÃO SE CULPE!!!

Aug 15. 2021

O Rei das Mentiras, o mentiroso das galáxias!

Muita “conversa pra BOI dormir!

#Fora Bolsonaro E Sua Quadrilha¹²

Palavras finais

Bybee (2016, p. 66) explica que *chunking* é o processo de formação e de uso “de sequências de palavras formulaicas ou pré-fabricadas: quanto mais a sequência de palavras for repetida e puder ser acessada junta, tanto mais será convencionalizada.”. Assim, “todos os tipos de expressões convencionalizadas, das pré-fabricadas às idiomáticas e às construções, podem ser considerados chunks”. Vimos essa ideia na prática ao analisarmos a origem e os significados das microconstruções em questão, mas é igualmente importante um olhar voltado para suas propriedades: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Traugott e Trousdale (2013) defendem que a esquematicidade é uma característica da construção relacionada à abstração: quanto mais geral for a construção, mais abstrata também será dentro do *constructicon*, isto é, envolve a organização dos nós na rede, do menos ao mais abstrato. Já a produtividade pode ser encarada de dois modos: produtividade de *tokens*

¹¹Tuíte que mostra o uso do adjetivo rei das galáxias. Disponível em:

<https://twitter.com/ackermnzx/status/1426285650274361351>, acessado em 13/08/2021, às 20h41.

¹²Tuíte que mostra o uso do adjetivo mentiroso das galáxias. Disponível em:

<https://twitter.com/ECantanhede/status/1426918261506064385>, acessado em 13/06/2022.

(instanciações) e produtividade de *types* (sub-esquemas), ainda segundo Bybee (2016). Assim, um esquema pode ser mais ou menos produtivo: pode ser muito usado em instanciações (*tokens*) ou pode aceitar muitos itens para preencher os *slots* dos subesquemas (*types*). Quanto à composicionalidade, é possível ver, ao debruçarmos para o significado da construção, se o resultado da soma das partes de fato corresponde ao significado do todo. Assim, a construção é menos composicional quando é mais opaca, não sendo possível entender o todo pela soma das partes. Bybee (2016) diferencia os processos de analisabilidade e composicionalidade, mas adotamos a visão de Traugott e Trousdale (2013), que diz que analisabilidade é uma subparte da composicionalidade, visto que é por meio da análise que se torna possível identificar os itens que fazem parte do *chunk*, mas isso não faz com que a unidade seja transparente.

As estruturas idiomáticas, geralmente, não possuem um significado transparente; tendem a ser mais opacas porque precisam do repertório sociocultural para ser interpretadas. Isso, mais uma vez, implica dizer que passa pelo processo de *chunking*, em que a unidade é única até mesmo do ponto de vista do processamento (BYBEE, 2016).

Quanto à esquematicidade, as expressões podem ser muito específicas, em que não é possível encontrar nenhum *slot*, como é o caso de ‘pano pra manga’. Assim, nenhum item pode ser substituído e nem deslocado. Porém, há casos em que as construções idiomáticas podem ser parcialmente especificadas, como é o caso das estudadas até então, em que, por fusão construcional, analogização ou neoanálise, acabam deixando um *slot* vazio. Podemos verificar isso acontecer nas várias formas possíveis de preenchimento em expressões binominais do tipo SN1 de SN2: [*top* de Si-s], [*N_i*-inho da Silva], [*N_i* das galáxias]. A base inglesa ‘*top*’, plenamente especificada no primeiro esquema, pode preencher os *slots* vazios dos dois outros, como se observa na representação, levando a diferentes graus de intensificação.

O que todas as formas com *top* e todos os subesquemas acima têm em comum é que representam, no imaginário do falante/escrevente e ouvinte/leitor, algo a ser valorizado justamente por ser bom, fazendo-nos lembrar até da palavra ‘*top model*’ e todo o seu universo de beleza e glamour. Sob o viés da perspectiva construcional, encontramos embasamento para mostrar as regularidades dos itens idiomáticos estudados. Dessa forma, fizemos uma breve

análise para demonstrar como as propriedades gerais, postuladas por Traugott e Trousdale (2013), podem ser aplicadas nos casos dessas formações. Por meio de uma análise qualitativa, concluímos que [*top* de Si-s]_{Adj} é mais composicional em comparação com [N_i-inho da Silva]_{Adj} e [N_i das galáxias]_{Adj}. O nível de esquematicidade das três formações é o mesmo (são construções semiabertas) e a produtividade da primeira é maior que as duas demais, respondendo por um número maior de construtos.

Referências

- BOOIJ, Geert. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, G. Construction Morphology. In: HIPPISEY, A.; STUMP, G. T. (Eds.). *The Cambridge Handbook of Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CASSEB-GALVÃO, V. C. A abstratização de evidenciais no português brasileiro, no espanhol dominicano e no italiano. *Rivista Lingue e Linguaggi*, v. 39, p. 51-65, 2020.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Trad. M. A. Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- FAUCONNIER Gilles, TURNER Mark. *The way we think – conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pra quem é, bacalhau basta: da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. *Revista Soletras*, v. 1, n. 37, p. 103-116, 2019.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. California: University of California, 1995.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions at work. The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- INDÚSTRIA & DESENVOLVIMENTO. Brasil, A Federação, 1983.
- JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. *Relational Morphology: A Cousin of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas do cotidiano*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1991.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar*. Volume 1: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

MOTTA, Karen Corrêa. *De top de linha a topzera: o estatuto morfopragmático das formações com a base não nativa top*. Monografia (Letras). Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2020.

MANDELBLIT, Nili. *Grammatical blending: creative and schematic aspects in sentence processing and translation*. Cambridge: CUP Press, 1997.

NASCIMENTO, J. P. da Silva; DE FREITAS JR, R; AGUIAR, M. B. Fatos ou generalizações? Um estudo sociolinguístico de percepções de surdos quanto ao uso da LIBRAS. *Web Revista SOCIODIALETO*, [S.l.], v. 10, n. 28, p. 129 - 145, jul. 2020.

OLIVEIRA, Mariângela Rios; SAMBRANA, Vânia Rosana. Neonálise e analogização na formação de Marcadores discursivos do português. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista v. 18, n. 1, p. 25-44, 2020.

RIBEIRO, J. *Frases Feitas*. Apresentação Evanildo Bechara; introdução Joaquim Ribeiro. – 3. ed. - Rio de Janeiro: ABL, 2009.

SANDMANN, A. J. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1992.

TORRENT, Tiago Timponi. A hipótese da dupla origem para a construção de dativo com infinitivo: primeiras incursões pelo português medieval. *Revista da Abralín*, v. 7, n.2, p. 1-16, 2008.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VALADARES, F. B. *Uso de estrangeirismos no Português Brasileiro: variação e mudança linguística*. 2014. 190f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo/SP, 2014.

Recebido em: 30/06/2022.

Aceito em: 15/07/2022.